84

"O ASSALTO"

de José Vicente de Paula

CENÁRIO

Parte de uma sala do Banco. Está desarrumada e suja, porque o expediente encerrou há algum tempo, os funcionários foram-se embora, veio o rapaz da limpeza, o Varredor, e botou as cadeiras (giratórias) em cima das mesas, os caixotes de lixo e o resto.

Os elementos imprescindíveis são: um pequeno despertador, que fica funcionando o tempo todo; uma desses cadeiras de escritório gasta, enorme, que deve encerrar a eloqüência de um trono.

O complemento dêsse "Banco exprimido" é a mesa também estilo escritório, fria, mas grande, que vai, no final, desempenhar o ofício mórbido de câmara mortuária.

O cenário pode ser o mais simples possível, isto é, ainda que exuberante, sempre dentro dum tom mais "expressionista" e menos comprometido com a "realidade".

1.º ASSALTO

Toque prolongado de sirene:

O varredor está acabando de varrer a primeira parte da sala do Banco, tranqüilamente, como de costume, sòzinho, bem à vontade também pelo fato de estar sòzinho.

Coça as pernas e o corpo inteiro (por causa das pulgas) tira os tamancos, depois senta-se à mesa, limpa os pés, torna a calçar os tamancos, mexe uma máquina de escrever. Abre a gaveta da mesa — a gaveta central — e quando vai fuçar nas coisas a porta se abre, de repente, e entra Vitor, com uma pilha de papeis nos braços.

O Varredor prontamente se abstém, empurrando abruptamente a gaveta, pegando o espanador e fingindo que está só limpando os móveis.

Vitor se dirige à mesa, espalhafatosamente, despeja os papeis em cima, suspirando de cansaço. Tira tranqüilamente as cadeiras e demais objetos que estavam em cima; depois vai à porta, abre, olha para fora, depois fecha a porta à chave. (O Varredor naturalmente não percebeu êsse jogo).

Silêncio ainda.

Vitor acende cigarros, senta-se na cadeira como se estivesse sentado num trono, roda-se sôbre ela pingando colírio no ôlho, de forma que os pingos lhe escorram pela cara tôda.

Depois começa a jogar cinzas do cigarro no lugar que o varredor já tinha dado como limpo. O Varredor vai ficando cada vez menos à vontade e Vitor joga também o cigarro no chão, vai e pisa em cima. Êsse joguinho desagradável possui variantes e pode-se prolongar à vontade.

Até que o Varredor resolve quebrar, por questão de necessidade imediata, êsse silêncio perturbador:

VARREDOR — O senhor ainda vai ficar aí muito tempo?

VITOR — Eu estou te perturbando o serviço?

VARREDOR — É que eu costumo arrumar a sala aqui nessa hora, depois que o pessoal vai embora.

VITOR — Eu sei. Assim vocês podem ficar à vontade. (pausa)

VITOR — Sabe, isso é muito bom pro banco. Amanhã o pessoal chega aqui de manhã e encontra tudo limpinho, não é mesmo?

VARREDOR — Pois é.

VITOR — Como é, e as privadas, você já limpou as privadas?

VARREDOR — Deixo pro fim, depois que eu arrumo a sala aqui.

VITOR — Limpar as privadas é muito importante, senão ninguém aguenta chegar por causa do cheiro. (Vitor, no trono, enfiado, embrulha papéis e joga no chão. O varredor observa. Vitor bota os pés em cima da mesa). É ótimo pro banco! o chefe faz questão principalmente da limpeza, que é prá dar boa impressão pros clientes. O lema do banco é o mesmo da bandeira brasileira! Ordem Progresso. O chefe sempre diz que "sem ordem não há progresso". Daí a tua importância.

VARREDOR — Eu acho que o melhor é eu voltar daqui a pouco.

VITOR — Por quê?

VARREDOR — Assim um não atrapalha o outro.

VITOR — Quer dizer que eu estou te atrapalhando.

VARREDOR — Não é isso.

VITOR — Em geral o pessoal do banco limpa a área logo no começo da noite prá deixar vocês da limpeza à vontade, mas é que hoje deu galho no balancete e eu fiquei fazendo hora extra.

VARREDOR — Que hora que o senhor vai acabar o serviço?

VITOR — Você tá com muita pressa?

VARREDOR — Eu tenho que deixar a sala bem arrumada prá amanhã, senão...

VITOR — Senão o que?

VARREDOR — Sabe como é, arrumo problema com a limpeza.

VITOR — E quanto tempo você gasta prá deixar êsse lixo em ordem?

VARREDOR — Uma hora mais ou menos. Depende.

VITOR — Eu saio então. Vou prá outro lugar, depois eu volto. Assim eu não te atrapalho. Vou até à rua, engulo um americano, compro cigarro, faço uma cerinha e volto.

VARREDOR — Sabe como é, mas é que senão arrumo problema aí com a limpeza.

VITOR — Claro!

(Silêncio. Vitor continua tranqüilamente sentado na cadeira. Observa com falso interêsse os papéis na mesa, começa a separar, passando de um lado para outro, com falso cuidado, pára algum de vez em quando contra a luz e observa, como um analista. Depois embolota um outro e joga ao chão, propositadamente. Irritado, despeja um cinzeiro no chão, com nôjo).

VITOR — Sabe, não tolero cheiro de cigarro fumado. Me intoxica.

VARREDOR — (indiferente). É. (pausa)

VITOR — Sabe o que são êsses papéis?

VARREDOR — (Sem interêsse) Não sei.

VITOR — (com falso entusiasmo) São diários. Isso aqui se chama diário. É um tipo de documento muito importante. É importantíssimo um diário! Sem êsses papéis aqui, o Banco não existe. Você nem pode imaginar. A base do diário é a mesma base da contabilidade, tá vendo aqui? Débito-Crédito: É exato: nem mais nem menos. As custas dum papelzinho dêste a gente pode inclusive ir pro ôlho da rua. Imagina só prá você ter uma idéia que hoje eu fiquei prêso aqui por causa de cinco centavos a menos. Cinco centavos de diferença que se eu não localizar o Banco não vai dormir! E eu, inclusive, claro!

VARREDOR — O senhor disse que ia sair...

VITOR — Porque você me chama de senhor? Senhor é etrusco! Pode me chamar de você. Por falar nisso, qual a tua idade? Você não se incomoda de falar em idade ou coisa?

VARREDOR — (coça o corpo, desesperado pela falta de interêsse)

VITOR — Alergia?

VARREDOR — São as pulgas.

VITOR — É uma loucura como tem pulgas nêsse banco! Tenho horror de pulgas. Você não usa neocid no corpo?

VARREDOR — Não.

(Vitor torna a pingar colírio no olho)

VITOR — O único preparado que eu utilizo é colírio. Uso litros de colírio por ano. Litros! Tenho a impressão que estou ficando cego. Isso é por causa da luz. Ou falta de luz, sei lá. São os ossos do ofício.

VARREDOR — É.

VITOR — Eu te dou trinta anos.

VARREDOR — Trinta e três.

VITOR — É a idade de Jesus Cristo, sabia?

VARREDOR — Tenho três filhos.

VITOR — O teu nome se não me engano é Hugo, acertei?

VARREDOR — Hugo. O senhor me conhece de algum lugar?

VITOR — Daqui do banco, ora! A gente não trabalha junto há muito tempo?

VARREDOR — É, isso é.

VITOR — Quanto é que vocês ganham por mês?

VARREDOR — Meio salário.

VITOR — Só meio salário?!

VAREDOR — Mas eu quebro o galho de dia por fora.

VITOR — Caramba, porque senão não dá!

VARREDOR — Eu faço outros bancos.

VITOR — É só o que você sabe fazer? Limpar banco, limpar sala de banco, limpar privada de banco?

VARREDOR — Tenho vontade de aprender "datilógra".

VITOR — Quê isso, "datilógra"?

VARREDOR — Máquina.

VITOR — Datilografia.

VARREDOR — Não sobra tempo mas eu vou ver se começo, quando sobrar um dinheiro.

VITOR — Eu estou intrigado com uma coisa. Eu já te falo: Com essa vida que você tem, de trabalhar de dia e trabalhar de noite, que hora que sobra para você trepar?

VARREDOR — (Ri meio descontraído)

VITOR — Porque a gente tem de pensar nessas coisas, é ou não é?

VARREDOR — Me viro.

VITOR — Pôxa, porque você trabalha pràticamente 3/4 da tua vida, do jeito que vai indo, limpando banco. Sem contar as horas de dormir.

VARREDOR — Mais ou menos.

VITOR — Faz as contas.

VARREDOR — (impaciente) Já tou atrasado.

VITOR — Quer ver só. Que hora que você levanta?

VARREDOR — Seis.

VITOR — Eu não digo trpas só. Eu falo viver, no sentido genérico: Vmaburdar, com o que a gente gosta, me entende?

VARREDOR — Claro.

VITOR — Pois é, seis horas. Daí você trabalha até que horas?

VARREDOR — Meio-dia, uma hora, depende.

VITOR — E almoça em casa?

VARREDOR — Porra, o senhor esta me atrasando.

VITOR — (apontando o Varredor com o dedo) Me chama de vocês.

VARREDOR — É que eu vou arrumar problema com a limpeza.

VITOR — Sem afobamento.

VARREDOR — O chefe não dá moleza.

VITOR — Quem tem chefe é índio!

VARREDOR — Se eu atraso, descontam no pagamento. Não é brincadeira.

VITOR — (pausa) Você volta prá almoçar na tua casa?

VARREDOR (aflito) — Saio com marmita.

VITOR (tranqüilo) — Aqui de noite o que o que vocês comem?

O VARREDOR — O resto do lanche aí de vocês, que sobra em cima das mesas.

VITOR — Com aquêle café com leite hediondo?

VARREDOR — É frio.

VITOR — Dá câncer, sabia? Um amigo meu morreu com uma inflamação dêsse tamanho aqui no estômago.

VARREDOR — É melhor que nada.

(Pausa)

VITOR — Sabe que eu te vejo aí na porta do banco, de tarde, todo dia? Aí pelas sete horas.

VARREDOR — É a hora que eu entro.

VITOR — É a hora que eu saio. Você fica encostado na parede, na fila, junto com os outros da limpeza, esperando o elevador acabar de despejar os funcionários do banco.

VARREDOR — A gente tem de esperar vocês se mandar primeiro.

VITOR — Você tem uma japona azul de lã, não tem? (pausa) Parece que é a única que você tem.

VARREDOR (aflito, procurando as horas no despertador) — Que hora é agora?

VITOR — Eu estou te atrasando, eu sei.

VARREDOR — Sabe como é, se não fôsse o chefe da limpeza...

VITOR — É o italiano, é? Aquêle verrulhão que fica gritando o tempo inteiro?

VARREDOR — Não é sôpa!

VITOR — Meu chefe também não demuda um minuto! Claro que se êle estivesse aqui eu não ia estar à vontade com você, como estou agora, conversando com o serviço atrasando e esta gravata frouxa dêste jeito. Manda ver e não quer nem saber.

VARREDOR — Eu acho que o melhor é eu voltar depois.

VITOR — Depois que hora?

VARREDOR — Depois que o senhor sonhar.

VITOR (oferecendo com o maço) — Fuma um cigarro.

VARREDOR — Não posso.

VITOR — Você não fuma?

VARREDOR — Durante o expediente é proibido.

VITOR — Quem te proíbe?

VARREDOR — A Companhia.

VITOR — Que companhia?

VARREDOR — A companhia de limpeza.

VITOR — Eu pensava que você trabalhava diretamente pro banco.

VARREDOR — Trabalhamos prá companhia.

VITOR — E a companhia proíbe vocês de fumar?

VARREDOR — É, é meio chato.

VITOR (pausa) — Mas você fuma assim mesmo, não fuma não?

VARREDOR — Também nem sobra tempo, tem tanta coisa prá fazer, o problema é acabar depressa para se picar mais cedo.

VITOR (insistindo com o maço) — Um só, não vai te atrasar nada.

VARREDOR (tenta ser amável) — É que hoje, ainda por cima, já entrei atrasado 15 minutos. O chefe me olhou diferente.

VITOR — Pôxa, mas um cigarro só! Depois eu vou sair, você fica à vontade.

(O Varredor coça a cabeça, nervoso).

VITOR — Ninguém vai te pegar fumando. Numa hora dessa êles estão engolindo poeira aí em cima, nos outros andares.

VARREDOR — Se me pegam nesse papo, porra! sem fazer nada, me quebram no meio!

(O Varredor pega o cigarro de mau humor e Vitor, enquanto acende:)

VITOR — Meu número é 5.923.800. Você pode imaginar quanta gente vem atrás e quantos não vão na minha frente. Meu serviço é fácil. Eu fico o tempo inteiro controlando a entrada diária dêsses papéis. Débito-Crédito: Nem um número a mais, nem um número a

SERVIÇOS PUBLICOS

ticnos. Sou um especialista em número. Se falta um e sobra um, tenho de começar tudo de novo, desde o começo. Três anos fazendo balanço deixa o teu olho aguçado em cima das coisas, como um cérebro de contrôle. Um zero à esquerda você consegue agarrar com o dedo, e..... Pum! Pum! Derrubar em cima do papel!

Três anos num banco é o tempo duma juventude. Você abre os olhos e..... Puf! O tempo engoliu tua cara.

Que idade você me dá?

VARREDOR (desinteressado) — Vinte e poucos.

VITOR — Vinte e quanto?

VARREDOR — Vinte e ... Vinte e cinco?

VITOR — Em cima! Em geral me dão vinte e oito, trinta. Teve um cara que me deu trinta e dois. Me senti sem ar.

(O Varredor apaga o cigarro, abruptamente, guardando o resto no bôlso do macacão).

VITOR — Apagou o cigarro por quê?

VARREDOR — O senhor desculpa, outro dia a gente bate um papo.

VITOR — Que é isso, você gosta tanto assim do banco?

VARREDOR — Porra, não é isso...

VITOR — Mas nem um cigarro! Será que um simples cigarro vai enguiçar, essa máquina?

VARREDOR — O problema é que eu tou atrasado; porra!

VITOR — Sem essa, velho, fuma tranqüilo. Esquece a limpeza por alguns minutos. Abstrai. Assim... Oh! (Vitor mexe com a mão no ar, como um feiticeiro). Pronto. Esqueceu.

VARREDOR — Eu sou casado, porra!

VITOR — E daí?

VARREDOR — Daí que...

VITOR — Daí o que?

VARREDOR — Tenho 3 filhos prá tratar.

VITOR — E daí?

VARREDOR (tenta ainda ser amável) — Se o senhor me dá licença eu, varro correndo. Eu deixo a sala pronta num minuto e me arranco.

VITOR — Você disse que gasta uma hora mais ou menos, foi o que você disse. Pois é. Eu também não posso perder nem um minuto. E você está me obrigando a perder o meu tempo. Se eu não deixo em ordem êsses papéizinhos aí, sabe o que acontece comigo? Sabe o que, que o meu chefe faz comigo amanhã?

Meu chefe é um cara assim, magrinho, baixinho, horroroso, tem a cara tôda amarela, por causa do fígado. O cara se chama Maia, o pessoal do banco chama êle de seu Maia. E uma das coisas mais insuportáveis que eu já conheci em tôda a minha vida.

Eu já te dou a ficha do cara.

Imagina uma coisa assim bem monstrinha, vinda da merda, vinda da mais abjeta merda, suburbana, com cheiro de trem das ventas, até hoje, com tôda a abdominável ciência dessa merda, que gastou tôda a ciência do seu esperma prá se promover, produzindo, badalando, produzindo, produzindo, puxando o saco de tudo quanto foi gente importante, até que no fim, de repente, sentiu que podia falar Não, quando quisesse, e Não quando não quisesse. Imagina essa coisa nervosa, gagá e horripilante, imagine uma coisa dessas que ainda por cima aguçou a inteligência. Imagina essa aberração da contabilidade te comandando o dia inteiro, te olhando de todos os lados, disposto a te flagrar na primeira oportunidade. Imagina essa coisa dormindo com você, tôda a noite, lá bem dentro do teu sono, como um relógio funcionando certinho, dentro do teu copo de cerveja, dentro da tela do cinema, dentro do livro que você gosta de ler.

Você tem de chamar a coisa de CHEFE!

Você tem que cumprimentar a coisa, que respeitar a coisa, que ser disponível prá coisa, porque você tem mêdo, lógico que tem mêdo, quem é que não tem?

Aparentemente estamos só nós dois aqui mas o seu Maia também está. Você não vê nem eu vejo. Mas êle tá dentro de cada diário dêsses, dentro dessas cadeiras, dentro dos meus dedos e da minha cabeça. Se eu toco nessa mesa eu não estou tocando na mesa pròpriamente dita eu estou tocando no seu Maia. Amanhã de manhã êle se materializa aqui dentro, examina o serviço e se não tá do jeito que êle resolveu que quis, sabe o que acontece?

Ah! tem outra coisa: Você pensa que é fácil escapar do poder do Seu Maia. Você pensa que é só pedir as contas se despedir e cair fora. Mas a gente chega lá fora e o seu Maia continua. Êle está em tôda parte, dentro e fora, como um Deus Onisciente, Onipresente, Todo Poderoso.

(gemidos, choros, ranger de dentes)

(misterioso) Sabe o que é isso?

É no segundo-subsolo, onde o banco tem um arquivo. Ficam lá os funcionários estropiados pela contabilidade. Tem pederastas, tem maníacos, exibicionistas, assassinos potenciais, cleptomaníacos, cérebros eletrônicos, autores de teatro fracassados, compositores, todos os neuróticos dessa guerra aqui. Tem uma secretária lá, de quarenta anos, que tem mania de "prima dona" do teatro de revista. Queria ser uma grande dama do rebolado. Agora tá lá, arquivando papéis, mostrando as

CENSURA DE DIVULGAÇÃO PUBLICA

pernas para os subordinados dela. A Marlene Dietrich da Rede Bancária, com a bôca pintada de coraçãozinho. Aí de quem não aplaudir as estravagâncias dela! Recebe quota dobrada de papéis prá arquivar.

VARREDOR (decididamente desinteressado) — Eu volto depois.

VITOR — Eu falei muito, desculpa, pelo amor de Deus! Foi o embalo. Me desculpa mesmo. Quando eu começo a falar, misturo tudo, não consigo parar mais. (rindo) Essa do arquivo, por exemplo. De noite ninguém trabalha lá.

VARREDOR (enquanto Vitor se empina como uma galinha tomando água) — Não quero atrapalhar o senhor.

VITOR — Tôda vez que eu boto colírio no olho como uma galinha tomando água, é esquisito, não é? (para o Varredor ausente) Você não está me atrapalhando!

VARREDOR — E o serviço aí?

VITOR — Você parece que não tem senso de humor!

VARREDOR — Com essas e outras eu já perdi a metade do tempo que eu tinha prá arrumar a sala.

VITOR (Ignorando a aflição do Varredor, segurando-o pelo ombro) — Sabe, um dia o SEU MAIA resolveu botar na cuca dêle que eu estava adiantando o serviço prá sair mais cedo. Daí êle simplesmente aumentou a minha quota. Me mandou separar documentos das horas vagas. Isso daqui, (mostra uns papéis maiores). São registros, com assinaturas de clientes. Firmas. O SEU MAIA acha que o funcionário tem que ser apaixonado pelo Banco. Êle não se conforma que o funcionário dedique só oito horas diárias, mais as extraordinárias que existem todo o dia. Êle exige que o funcionário dedique também crença, o ideal, as aspirações e os desejos cultos à religião bancária. Você tem que ser um bancário não só aqui dentro dessas paredes — lá fora também! É o teu Credo, o teu Deus, o teu Jesus Cristo, a tua Caridade, a tua Propriedade Privada, a tua Família, o teu Manho, se você preferir. (pausa)

Se o SEU MAIA descobre, por exemplo, que você gosta de cinema, numa suposição, pronto! Você tem que expiar o teu pecado. Cada de mundanismo. Você já viu um bancário na rua? Já viu como se comporta uma secretária? É a mesma coisa. Essa religião devora de todos os lados. Uma secretária, por exemplo que é praticante do mesmo Credo, é que pode existir de mais católico em têrmos bancários; é uma espécie de filha de Maria do cristianismo bancário. Vive intoxicada de sanduíches e destila números menstruais.

(para o Varredor)

Você é de pouca prosa. Eu percebi isso a primeira vez que eu te vi, aí embaixo, na saída do elevador. Teus colegas da limpeza vivem conversando sôbre mulher, sabe como êsses assuntos divinos de segunda-feira manhã. Você não. Sempre quietão, calado. Sabia que eu vivo te seguindo? Longa pausa. Uma vez eu entrei num bar que você entrou, pra comprar cigarro. Você fuma Macedônia, não fuma?

VARREDOR — Continental.

VITOR (com segurança) — Macedônia!

VARREDOR — Já fumei Macedônia.

VITOR — Pois é, daí eu tirei uma ficha pra cafezinho e deixei a ficha cair no teu pé, de propósito, e você catou prá mim, não se lembra?

VARREDOR (caminhando prá saída) — Não lembro não.

VITOR — Eu falei alguma coisa errada?

VARREDOR — É que eu tou perdendo meu tempo, pomba!

VITOR — Você ficou com mêdo de mim?

VARREDOR — Não é isso, porra!

VITOR — Então porque você vai embora?

VARREDOR — Porque tou em serviço. Por isso — já expliquei, não expliquei? Porra, então não insiste!

VITOR — Desculpa, eu tinha até esquecido. Juro que eu tinha esquecido.

VARREDOR — Outro dia a gente conversa, certinho, sem problema...

VITOR — Me desculpa mesmo! Eu também tenho que dar duro ainda. Imagina se não descubro essa diferença de hoje!

(Silêncio. O Varredor junta suas coisas e caminha para a porta da saída. Pára e olha ainda para Vitor, que volta a separar os papéis em cima da mesa. O Varredor tenta então abrir a porta, que está trancada. Insiste, depois se volta, azêdo)

VARREDOR — O senhor trancou a porta?

VITOR (falsamente distraído) — Que porta?

VARREDOR — Não brinca!

VITOR — Quem tá brincando?

VARREDOR — Porra, não brinca!

VITOR (sarcástico) — Somando tudo, quanto é que você ganha por dia?

VARREDOR — Não insiste, eu tou atrasado!

VITOR — Com o salário e com o que você ganha por fora, quanto é que dá?

VARREDOR — Porra, eu já disse que o cara vai bronquear comigo! O cara me dá uma lavada e pronto! Tou eu envenenado.

VITOR (tranqüilamente) — Em média vo-

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.P.F.

cê deve ganhar aí na base de seis mil, sete mil por dia, somando tudo. Acertei?

VARREDOR — Não cria problema, ô meu, me abre a porta aí...

VITOR — Menos?

(silêncio. O Varredor se volta, meio agressivo, meio fascinado.

VARREDOR — Porra, é que que você viu comigo?!

VITOR — Jogando em sete mil, se é o que você ganha por dia, eu te dou vinte mil prá você sentar aí e fumar um cigarro comigo.

(pausa. O Varredor está tentado)

VITOR (generosamente) — É pouco? Pois eu te dou trinta.

VARREDOR — Caramba, mas o que que você viu em mim?

VITOR — Trinta mangos contadinhos, topa? (pausa) Deixa êsses troços aí e volta prá cá.

(O Varredor obedece, agora com interêsse)

VITOR — Senta aqui, nessa cadeira aqui. (Vitor aponta o trono, o Varredor permanece de pé) Aqui, senta aqui. Assim. Você fica parecendo um rei. Existe rei de tudo, não existe? Você é o rei do lixo!

VARREDOR — Que barato!

VITOR — Você me acha meio doido, é?

VARREDOR — O que os caras não vão pensar...

VITOR — Pensar o que?

VARREDOR — Que negócio mais esquisito!

VITOR — Só falta a coroa. Você ficaria muito bem com uma coroa de cebolas na cabeça, e uma réstea de alho a tiracolo.

VARREDOR (se mexe na cadeira, achando certa graça).

VITOR — Você me acha meio doido por quê?

VARREDOR — Não disse nada.

VITOR — Me diz uma coisa: você acha que eu dou uma certa pinta?

VARREDOR (rindo, meio tímido) — Eu sei lá...

VITOR (se afastando prá um canto, ausente) — Sabe, no prédio onde eu moro tem uns garotos conversando, a hora que eu entro, todo dia lá na porta. Quando eu vou chegando prá entrar êles param de conversar... me abrem a porta... com uma gentileza muito esquisita... Não sei o que êles falam a meu respeito, ou se pensam a meu respeito... A gente nunca conversou... Não me cumprimentam, mas ficam calados quando eu chego..... Até eu tomar o elevador. Quando eu tomo o elevador êles começam a conversar de nôvo... Um dia eu puxei prosa com um dêles, o mais novinho. Êle me tratou com muito respeito, que eu me senti um mongo! Você não acha muito esquisito?

VARREDOR — Sei lá, um pouco.

VITOR — Aqui no Banco eu sinto uma coisa, no meio dos milhões de funcionários que entram e saem todo dia, como se fôssem fantasmas... Como se fôssem sombras... que não têm nada a ver comigo.

Às vêzes eu tenho impressão que eu morri na minha infância, me desencarnei. Não tenho mais nada de comum nem com as pessoas... nem com as coisas... nem com mais nada. Não tenho ponto de referência mais nenhum... eu sou um corpo nu, se arrastando no meio dum mundo que nem se decifra nem me decifra mais. De uns tempos prá cá eu descobri que eu não quero nem viver nem morrer nem continuar vivendo nêsse estado de graça... Você já pensou em se matar?

VARREDOR — Quê? Não sou bêsta!

VITOR — Eu já. Uma vez eu me tranquei no banheiro, abri o gás e deixei muito tempo.

VARREDOR — Aí apareceu a tua família...

VITOR — Que família! Eu vivo sòzinho, minha família tá lá no interior.

VARREDOR — Porque não deu certo?

VITOR — Me pareceu uma coisa ridícula.

VARREDOR (desinteressado) — E como é que ficou?

VITOR — Desliguei o gás, tomei não sei quantos copos de leite e passei horas numa sauna. Pelo menos foi estimulante.

(pausa)

VARREDOR (pegando o paletó de Vitor, que está pendurado atrás duma cadeira) — É tergal, é?

VITOR — Você gosta?

VARREDOR — Bom.

VITOR — Tenho nôjo!

VARREDOR (levantando de repente) — Como é que é... Vamos resolver o nosso papo logo? (Pausa).

VITOR — Que papo?

VARREDOR — Já fiz programa com muito viado aí. Os caras sempre largam grana. Uma vez eu fui aí com um pinta que tava sem dinheiro: me deu uma camisa, um disco e uma japona. Essa japona azul que eu tenho aí. Claro, o disco eu dei, fazer o que com um disco!

VITOR — E tua mulher, ela não sabe?

VARREDOR — Uma vez eu passei apertado. Peguei um velho da minha rua, o cara ia pagar mas não tinha lugar. Daí resolveu, me levou no quartinho de fundo da casa dêle, de noite — isso foi num sábado. Na hora de sair o filho dêle tava na sala, daí êle mandou o

CORTE

parouto sair prá comprar cigarro, enquanto êle foi a gente se mandar. A mulher do cara é amiga da minha. Fazia tempo que êle dava de cima.

VITOR — Quer dizer que você tem muito cartaz.

VARREDOR — Sabe como é, meu problema é mulher, mas tendo grana, sabe como é... Fiz uma menina, uma vez. Tive que me virar aí de noite com os bichas prá tirar o filho. Depois ela acabou na viração. Mas eu dei o duro!

(pausa. O Varredor está muito à vontade. Vitor olha prá êle olhando olhando longe. Depois, em tom rríspido:)

VITOR — Prá que que você pensa que eu estou te pagando?

VARREDOR — Eu é que sei?

VITOR — Como é que ficou combinado?

VARREDOR — Fumar um cigarro...

VITOR — Fumar um cigarro! Não foi isso que ficou combinado? Foi ou não foi isso que ficou combinado?!

VARREDOR — Foi, chefe.

VITOR — Sabe, eu acabei de descobrir que você não passa de um puto, sabia? Puxa, eu pensei tudo, menos que você fôsse um puto! (O Varredor está atônito) E não me chama de chefe!

VARREDOR — Mas o que houve?

VITOR — (Puto sim! E muito convicto!

VARREDOR — (Porra, mais respeito comigo!

VITOR — Mas que respeito? O que é isso, respeito? Você se vende por trinta mangos como um judas muito nojento e ainda fala em respeito? Quem que você pensa que é, além dum prostitutozinho muito ordinário? Hein?

VARREDOR (com humildade) — O senhor me desculpa então. Foi eu que entendi errado, mas é que ninguém dá uma grana limpa assim o trôco de nada, só prá fumar um cigarro.

VITOR — Tá aí. Eu pago. Pago prá você fumar um cigarro. Toma aí, você vai fumar já o cigarro.

(O Varredor pega sem jeito o cigarro, e êle mesmo acende)

VITOR — E não me chama nunca mais de senhor! Nem de chefe! que eu já me lembro logo daquele pústula que mexe os dedinhos dentro da minha cabeça!

Eu sou uma pessoa muito honesta. Não devo nada prá ninguém. Nunca deixei de pagar nem um cafèzinho que eu tomo num bar. Não tenho nenhum inimigo pessoal dentro de São Paulo. Como, durmo e trabalho sem ameaça pessoal de ninguém, sabia? Eu digo AMEAÇA PESSOAL! Nunca botei a mão em nada. E olha que eu já tive oportunidade de dar cano em muito trouxa. Mas eu sou o tipo da pessoa honesta; o Banco não tem nada contra mim, nem o próprio SEU MAIA, sim! Por isso, se eu te digo que te dou trinta pratas prá fumar um cigarro, é prá fumar um cigarro! (Pausa)

(Vitor caminha em volta do Varredor, examinando-o, simulando ódio. O Varredor ostenta um certo pavor. Vitor continua insistindo como um bêbedo sòzinho na rua diante de um estranho qualquer)

VITOR — Sabe qual o único defeito que eu tenho? É um vício muito engraçado: escrever pornografias nas privadas do Banco, o que não alivia nada, mas que pelo menos é um atestado de revolta, MEU PESSOAL!, contra o Banco e tudo o que êle significa. Tudo que eu não consigo dizer pro próprio Banco, eu digo por escrito prás privadas dêles. Tudo o que eu não consigo dizer pro SEU MAIA, eu digo prás privadas onde êle senta. Tudo o que eu não consigo dizer prá cada funcionàriozinho engravatado que ajuda amamentar esta zona aqui eu digo por escrito prás privadas onde êles todos sentam, prás parêdes e prás portas onde êles vão respirar, em particular, o ar fedido e sifilítico lá dos intestinos dêles. E sabe por quê? Porque eu não tenho nenhum amigo nem nenhum inimigo dentro dêsse Bordel, dentro dessa coisa iluminada e putona chamada São Paulo, que não pode parar nem um minuto, que não pode parar de jeito nenhum. E quando eu falo São Paulo, eu não falo da cidade pròpriamente dita, chamada São Paulo. Eu falo do pesadêlo de despertadores com horas marcadas que nunca mais vão deixar ninguém dormir em paz: Assinar pontos na hora certa de entrar, nem um minuto depois o assinar ponto na hora de sair, nem um minuto antes. (Vitor agarra furiosamente o despertador) A minha vida é essa maquininha! Essa maquininha infernal inventada pela contabilidade, prá isso da rua que chamam de paulistano. Essa maquininha calculada que não muda nunca o compasso: tic, tac, tic, tac, etc.

A noite inteira, essa maquininha dentro duma Kitchenete sem luz, com uma cama imunda de solteiro e um cheiro de môfo vindo das parêdes empoeiradas e úmidas, essa maquininha marcando o mesmo compasso da sala-quarto, banheiro e kitchenete. E umas roupas sujas no chão, mudas, sêcas, sem nada prá dizer prá ninguém. Essa maquininha armada tôda noite pro dia seguinte às seis. Tôda noite. De segunda a sexta. Com chuva sem chuva, com calor, com frio, com fumaça, com passeata e sem passeata. Tôda noite. Tôda santa noite.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA - DIVISÃO DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

Sonhando, acordado, dormindo, apagado, no escuro, o barulhinho tá lá, dentro da gente, tic, tac, tic, tac. Depois é acordar do sono acordado, com o tiro preparado, vestir correndo o terno, vai chegar um tempo que a gente já vai dormir de terno, de gravata e sapato engraxado. Correndo, tem de ser tudo correndo, voando, se despejar na rua por cima de gente correndo prá não chegar atrasado, esperando num ônibus sem falar nada, sem ninguém falando nada, pisando, empurrando, amassando, anônimo, agitado, sem notícia, sem passado, sem amigo nem nada, businado, congestionado, interrompido.

Tá lá o barulhinho! tic, tac, tic, tac. Com ponto assinado e o que êles chamam de vida humana, estacionado prá tôda eternidade em cima disso daqui:

FICHAS!

MILHÕES DE FICHAS

PAPÉIS!

Papéis e números, sempre papéis, todo dia papéis, arquivos e mais arquivos de papéis e uma indústria de homens cegos em cima desses papéis, é uma cidade inteira que foi inundada de papéis, com velhos embolorados examinando e dirigindo êsses papéis e sem pular uma letra dêsse inferno de papéis e números que são mais importantes do que a vida, do que a morte, e do que a PUTA QUE O PARIU, tantos papéis e arquivos e gente que entra com papéis e sai com papéis, que vive e morre sem saber mais nada além dêsses papéis sujos, fedidos, iguais com saudações, sem saudações datados, carimbados, assinados e reconhecidos!

(Quase com nostalgia)

Papéis e números.

O dia inteiro, o ano inteiro, a vida inteira papéis e números. Oito a dez horas por dia, todo dia os mesmos papéis e números, as mesmas caras iguais que só entendem de papéis e números. O mesmo código prá decifrar a cara do paulista, essa cara branca, descorada e ávida que vai passar a vida inteirinha, combinando números, variando números, corrigindo números, aumentando, diminuindo, somando, decifrando, multiplicando, dividindo, amarrando a vida inteira, o dia inteiro, a noite inteira, vinte e quatro horas de janeiro a janeiro, aí, em cima de papés, e máquinas e ruído de máquinas e relógios com hora marcada, sempre com hora marcada, sem sol, sem ar, sem jeito de poder segurar essa máquina tôda com as mãos e gritar que pára! que pára! que pára!

CAZZO! Eu tenho só 25 anos.

Você sabe o que significa ter ainda vinte e cinco anos, saindo de casa de manhã, todo dia, prá ficar sentado no mesmo lugar, em frente dos mesmos papéis, em frente da eternidade corrompida de números, prá chegar em casa de noite, tôda noite arrebentado, prá dormir com essa maquininha que te espera na mesma hora, prá te empurrar do mesmo jeito na rua?

(Pausa. Vitor está quase exausto e fólego).

Do lado da minha mesa aqui tinha um velho aí na casa dos sessenta anos. Me disse que teve na guerra. Conversamos duas vêzes nesse tempo todo. Assim mesmo porque êle me viu um dia com um livro de poemas — na época que eu ainda conseguia suportar um poema. Daí êle me disse que era escritor. Um imoral! Chegou a mostrar aí um conto pôdo que conseguiu publicar no suplemento literário do "Estadão".

O velho se aposentou na semana passada. Trabalhou quarenta anos. QUARENTA: Deu dez anos de aposentadoria pro Banco. Tava cego, com os cabelos brancos.

Trazia lanche todo dia e ia comer escondido aí no banheiro prá não ter que oferecer pros colegas. Quando comia perto de mim, comia agachado, quase debaixo da mesa, se engasgando como uma cadela. Nas férias o velho aparecia aqui na seção. Tava tão acostumado a ficar aqui, que quando davam férias prá êle, achava melhor ficar zanzando por aqui, mexendo numa coisa e noutra. Sabe o que êle me disse de despedida, no dia que êle foi embora? Me disse pra cuidar direito do arquivo que êle organizou, um dêsses cofres de metal, cheios de pastas. Só isso: Que quando eu tirasse uma pasta do lugar, botasse no mesmo lugar, direitinho. Parece até que êle ensaiou quarenta anos seguidos prá me dar êsse conselho.

O SEU MAIA fêz o discurso de despedida pro velho, com salgadinhos, exemplos edificantes e coca-cola. O velho chorava como uma criança, comovido, inchado como um herói.

Ontem eu passei lá no "Salão dos Aposentados", um museu especial que o banco construiu prós funcionários que aguentam a parada até o fim. O velho tava lá, no meio de mais oito. Oito maquinhas encostadas, impotentes e ridículas, lá, nas poltronas, lembrando o tempo do Banco — os bons tempos do Banco! Oito coisas grotescas, empoeiradas, que não podiam nem conseguiam mais inspirar nem amor nem ódio, nem desprêzo nem nada! Parei um pouco na porta, me escondi atrás do portal e ouvi a conversa dêles. O velho tava dizendo que quando cuidou do ponto da seção, na comovente função de secretário, nunca deixou colega nenhum assinar a fôlha um

CÓPIA

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

minuto depois da hora. Tinha sido honesto e exemplar até o fim. Tinha cumprido o regulamento do Banco em cima da linha. Nunca tocou a mão nem numa borracha estragada dessa igreja. Agora era o triunfo dêle: Conseguiu um apartamento através da Caixa Econômica, e um Volkswagen no consórcio.

(Silêncio. Vitor deita em cima dos papéis, desolado. O Varredor não se move. Pausa). (Depois de um silêncio em que Vitor permanece ostendido sôbre a mesa, o Varredor perturbado resolve interpelá-lo).

VARREDOR — Escuta, nós combinamos o cigarro, eu fumei um cigarro...

(Vitor não se move. O Varredor se aproxima dêle).

VARREDOR — Garoão... como é que é? (Vitor permanece)

VARREDOR (batendo no ombro de Vitor) — Escuta, ô meu, como é que vai ficar?! (pausa. O Varredor coça a cabeça desanimado) Porra! Como é que era êsse trato?! Vou ficar aqui plantado, de alegre?! Tenho de dar um jeito pelo menos na privada da chefia.

VITOR (Se levantando abruptamente) — A privada da chefia nunca! Então eu te pago, faço tudo, e amanhã o seu Maia encontra tudo limpinho, direitinho?!

VARREDOR — Assim não pode ficar.

VITOR — A privada da chefia, de jeito nenhum.

VARREDOR — E como é que faz?

VITOR — Você diz que não tinha água.

VARREDOR — Porra, que idéia. Pensa que é fácil assim é?

VITOR — Pois eu te pago mais trinta, tá aí! Mais trinta mangos prá você falar de você agora. Agora é você quem vai falar, pronto, já resolvi. Eu quero escutar você falar. Vai, fala de você. (pausa) É pouco? trinta é pouco? cinqüenta, vai.

VARREDOR (depois de uma pausa) — Caramba!...

VITOR — Mina como essa velho, nunca mais na vida! Never! (pausa)

VARREDOR — Sério mesmo?...

VITOR — Não acredita?

VARREDOR (coçando a cabeça) — Mas o quê que eu vou falar de mim?!

VITOR — Fala de você, pipocas!

VARREDOR — Falar de mim...

VITOR — Qualquer coisa. Me fala a respeito do pessoal da limpeza, como é que êles são... o que êles fazem... o que você acha dêles... Fala do Banco, ou de quem trabalha no Banco... Puts! tem tanta coisa! Você não tá vivo?!

(pausa. O Varredor pensa, pensa, e continua calado)

VITOR — Nada?!

VARREDOR —(Pórra, eu vou falar o quê?

VITOR — Fala a respeito de você, meu santo!

VARREDOR — Que troço mais bêsta!

VITOR — O que... Que que você pensa da vida? Para você o que significa a vida? Não, essa pergunta não quer dizer mais nada, é muita abstrata. Não! é isso mesmo! É isso sim. Que significa a vida prá você?

VARREDOR (azêdo) —(Pórra.

VITOR — Nada? Não significa nada?! Mulher?

VARREDOR (vagamente, sem convicção) — É, mulher...

VITOR — Só mulher?

VARREDOR — Pombas, não sei!

VITOR (gritando) — E eu é que vou saber! Eu te pago prá você falar o que você quer, tudo o que você pensa e ainda vou ter de te empurrar pra fora?

VARREDOR — Mas que papo mais desafinado! Êsse papo não existe!

VITOR — É a tua família, é?

VARREDOR — Minha família.

VITOR — Teus filhos? O que você vai ensinar pros teus filhos?

VARREDOR — Uma profissão.

VITOR — Que profissão?

VARREDOR — Sei lá, qualquer negócio aí, êles são pequenos, o mais velho tem só dez anos.

VITOR — E tá estudando?

VARREDOR — Como? de que jeito?

VITOR — Só uma profissão, só isso?

VARREDOR — Não sei... Pôrra, eu não sei! Não fica me perguntando!

VITOR (gritando) — Jesus! Mas o que que você vai dar pros teus filhos? Você não sabe? O teu filho mais velho, por exemplo, você vai ensinar-lhe a varrer rua, a varrer salas de bancos, a varrer privadas de banco, é isso que você vai ensinar pré êle?

VARREDOR — O cara é até louco, eu sei lá o que que eu vou fazer!

VITOR — Como assim, louco?

VARREDOR — É louco. Tan-tan. Não bate, me entende? Quebra as coisas em casa, quando dá a crise, bate nas meninas, bate na mãe, fica batendo a cabeça na parêde, de noite, e gritando, não deixa ninguém dormir, apronta e desapronta à vontade, os cambaus!

(O Varredor, sùbitamente retira uma carteira amarrotada do bôlso e mostra uma fotografia, dessas horríveis, a Vitor)

VARREDOR — Meus filhos.

VITOR — Êsse é o mais velho...

VARREDOR — Marcos. Quando tá bom

ARQUIVO DE CULTURA DE OBRAS PUBLICADAS

entrega leite numa carrocinha nos botecos lá do bairro. É muito trabalhador.

VITOR — E essa quem é essa?

VARREDOR — Minha mulher.

VITOR — Santo Deus.!

VARREDOR — A gente tá separado.

VITOR — Mas é um vampiro, hein?

VARREDOR — Uma puta bagaço!

VITOR — Mas êsse cabelão dêsse jeito, crêspo, e essa prêsa pra fora, virgem santíssima!

VARREDOR — Ela tem um metro e oitenta e dois.

VITOR — Mas onde é que você foi descobrir uma coisa tão feia assim?!

VARREDOR — Pena que seja tão desmiolada.

VITOR — Você, pelo jeito gosta dela ainda.

VARREDOR — A gente lutou junto muito tempo. Ela é muito trabalhadeira. Sai às quatro da manhã todo dia pra trabalhar aí no centro, numa casa de família. Toma três conduções e só volta de noite, de trem. Se vira!

VITOR — Você não aguentou a parada ou foi ela?

VARREDOR — Só tem um defeito: televisão.

VITOR — Gosta muito, é?

VARREDOR — Dá a vida.

VITOR — Você comprou uma televisão prá ela e ela te trocou pela televisão?

VAREDOR — Bem que ela queria, mas o dinheiro não dá.

VITOR — E foi por isso que vocês brigaram?

VARREDOR — Sei lá, até hoje eu não sei direito. Ela tem mania de ir em auditório. (Pôrra) Você vê: trabalha a semana inteira, até sábado, e no domingo ainda tem de ir em auditório? Não dá pé. Mas ela não: botou na cabeça que tinha de cantar no Chacrinha ou Silvio Santos, um negócio assim. Uma mulher casada, com filho e tudo. Um dia eu peguei a Ivone fazendo um negócio aí com um tarado. (Pôrra) só seis anos, caramba! (o Varredor guarda de nôvo a carteira) É isso daí. Ela bota a culpa em mim, ainda por cima. Diz que eu não tenho responsabilidade. O que que eu vou fazer? Vivia reclamando de mim pros conhecidos. Só porque eu jogo uma pelada de vez em quando lá com os caras da rua. Botava a bôca no mundo, por causa dum esgôto que passa na porta e a Prefeitura não dá jeito. Infernava a minha vida, dizendo que tinha nascido com a alma porca! Eu vou fazer o quê? Engolir o esgôto inteiro?! Quero que se dane, pombas. Boto umas tábuas em cima pras crianças não cair dentro. Mas o que adianta? Os outros meninos da rua até entram comigo pra brincar! (pausa) Bem a gente não é rico, mas fome não passa, não tá bom? (pausa) A isso que interessa, é ou não é? Comigo é assim: dando prá ir vivendo é o que interessa. (pausa).

VITOR — Há um ano atrás eu acho que eu ia me acostumar te vendo dentro disso que você aparenta que é: um homem simples, casado, honesto, que gosta de futebol, sem muita pretensão, que não quer saber de muito problema. A gente la acabar sendo amigo... hoje uma cerveja, amanhã outra, outro dia uma visita lá na vila onde você mora... (pausa) A ordem das coisas mudou muito.

Você pode continuar sendo tudo o que você é, mas o teu encontro marcado com a ordem que rege o mundo e as pessoas continua te esperando. (A cena a partir daqui, começa a romper com clima anterior e passar a assumir um tom deliberadamente teatral).

O que é um varredor de privadas de Banco?

Não é nada!

O que é que um lixeiro como você representa para a Sociedade?

Não representa nada!

Você é só um caso particular no meio de milhões de casos particulares e que pode conseguir só, e só isso: comover uns tantos filhos da puta que conseguem muito bem viver às custas da tua miséria particular. Intelectuais, criadores de tôdas as espécies e umas tantas almas bem alimentadas e bem intencionadas. Só, e só isso!

Um homem como você, que passa a vida inteira limpando privadas, limpando salas de chefes, limpando vidraças, limpando chão, limpando rua, limpando esgôto de rua, limpando casas de família, êsse homem só pode ser um fedido, só pode ser um sujo. Um varredor de Banco é um ser humano sujo, fedido, sem importância, sem direito, disposto a apanhar na rua como uma cadela, pelo simples fato de estar andando na rua, no meio de outras pessoas, sòzinho. Um varredor de Banco é um FORA DA LEI! (pausa)

Você bota a mão na merda de todo mundo, no mijo de todo mundo, na sífilis de todo mundo e por isso você não pode falar em dignidade. E tem mais: você limpa o chão que eu particularmente piso, que todos os clientes do Banco particularmente pisam, quando vêm aqui depositar ou retirar dinheiro. Eu jogo meu cigarro no chão, piso em cima e vem você e limpa!

VARREDOR — Você me paga prá me escarrar na cara?!

VITOR — É. Eu te pago pra isso: pra te

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

rar na cara. (pausa) (abraçando-se a si
o) Sabe... Eu já desabotoei êsse teu
ão muitas vêzes, sòzinho... Ele cheira
de animal. Tem cheiro de rua de mer-
de gente se comprimindo... Eu te ima-
a Jesus Cristo, sendo seguido por mim...
a, Vitor caminha em tôrno do Varredor).
o dum terno você é vulgar, é comum,
obra mais nada do que você é... (Vitor
o paletó da cadeira) É teu. Você gosta

ARREDOR — Pra mim?!
ITOR — Você leva a calça também.
Pausa. Vitor continua andando em volta
arredor).
ITOR — Eu fico com o teu macacão,
fedido como está. (colocando a gravata
rredor) Assim fica o uniforme completo.
ainda faltam os sapatos. (Retira os sa-
) Você me passa os tamancos.
) Varredor está imóvel sem ter tocado
da).
ARREDOR — Você não mora sòzinho?
ITOR — Foi aqui que eu te imaginei.
só existimos, nós dois, aqui, dentro do
. (pausa. A luz começa a baixar e o tom
o e quase delirante).
ARREDOR — Que você tem lá?
ITOR — Uns discos, uns livros, sei lá,
mninhas feitas de fim de mês, débito-
o.
ARREDOR — Rádio, você não tem?
ITOR — Um toca-discos.
ARREDOR — Toca-discos é bom.
ITOR — Você gosta de música?
ARREDOR — E tempo?

VITOR — Eu te dou tudo o que eu tenho lá.

VARREDOR — Roupa?

VITOR — Minhas camisas... minhas calças... Nunca saio de dentro dêsse terno!

VARREDOR (cada vez mais ávido) — Objeto de valor, você não tem nenhum?

VITOR — Só um relógio de ouro, que meu pai deixou prá mim, quando morreu.

VARREDOR — Você faz o que, de noite?

VITOR — Nada. Eu ligo o toca-discos antes de dormir, e eu tento ver se durmo.

(Ao som de um Requiem o Varredor abre os braços, seminu, e Vitor se arrasta para êle, até incorporar-se em seus braços abertos).

VITOR — Eu conheço você melhor do que você mesmo.

Eu sou mais você do que você mesmo e do que eu mesmo.

Você, é mais eu do que eu mesmo e do que você mesmo.

Tudo o que você quer é o que eu já tenho e que me asfixia.

Na tua profissão você é Sacerdote, e eu não sou na minha.

Eu sei mais o teu nome do que você mesmo,

eu te sei melhor do que você mesmo,

então é minha a tua profissão,

é minha tua sujeira,

é meu o teu esperma e o teu sangue é meu,

é você quem me paga, sou eu quem te odeia!

(Blackout. A música cessa e cresce em seu lugar, um ruído de máquinas batendo incessantemente).

FIM DO 1.º ASSALTO

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D.P.F.
CORTADO

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

2.º ASSALTO

POLÍCIAS - DIVISÃO DE CENSURA DE

Toque prolongado de sirene.

O Varredor está num canto e Vitor noutro. O clima desde o início é de silêncio e hostilidade, principalmente por parte do Varredor. Os dois personagens estão com as roupas trocadas. Depois de um silêncio:

VARREDOR — Tenho a impressão que eu já te conhecia antes.

VITOR — É. Só se fôr daqui mesmo. É o único lugar que eu freqüento.

VARREDOR — Daqui mesmo. Os caras da limpeza já tinham me falado.

VITOR — De mim?

VARREDOR — Que tinha um pinta me seguindo.

VITOR — Deviam zombar de mim.

VARREDOR — Os vigilantes da tarde também me falaram.

VITOR — Pensei que você não tivesse amizade com os guardas.

VARREDOR — Tem um que é meu vizinho.

VITOR — Vai ver que é por isso que me secam. Devem falar horrores de mim.

(O Varredor está pronto para sair)

VARREDOR — Quer dizer que eu levo o paletó?

VITOR **(pingando colírio)** — Não quer pingar um colírio?

VARREDOR — Nunca usei êste troço.

VITOR — É bom. Tira o vermelho. **(pausa)** Quando eu passo lá na portaria prá ir embora, os guardas ficam de ôlho em mim. Acho que morrem de vontade de me dar uma porrada.

VARREDOR — Os caras lá são fogo.

VITOR — Polícia nunca vai com a minha cara. Uma vez eu apanhei na rua sem mais nem menos, pelo simples fato de estar na rua. O investigador, que era um troglodita, me pediu documento, me chamou de viado e foi largando porrada na minha orelha, e nas minhas costas. Até hoje eu não sei porque.

VARREDOR **(desconversando)** — Tenho que me mandar.

VITOR — Pra onde?!

VARREDOR — Pro andar de cima.

VITOR — Nunca vi um caxias como você, te juro!

VARREDOR — É o jeito. Fazer o que.

VITOR — Esquece por hoje.

VARREDOR — Tenho que me mandar.

VITOR **(ausente)** — Nem aqui no Banco eu tenho amigo. Vivo sòzinho vinte e quatro horas por dia, no meio de gente na rua e no meio de gente aqui dentro. Uma pessoa sòzinha, desconhecida, tá sujeita a apanhar na rua da polícia. Se somem com a gente como se tivessem sumido com um espírito.

VARREDOR — A calça... Eu posso levar a calça?

VITOR — Claro, mas depois.

VARREDOR — Depois quando?

VITOR — Olha, eu tinha esquecido de te falar. Esquecido não, eu não quis dizer antes pra não te apavorar à toa. Mas eu saí do Banco hoje. **(O Varredor está muito espantado)** Recebi as contas hoje de tarde.

VARREDOR **(desconfiado)** — Sei...

VITOR — Fui eu que pedi demissão. Sabe como é, um dia tinha de acontecer. Mais cedo ou mais tarde.

VARREDOR **(com certo rancor)** — Claro...

VITOR — Fiquei hoje aqui pra te encontrar... Você foi a única pessoa que eu acompanhei durante êsse tempo todo...

VARREDOR **(com desprêzo)** — E...

VITOR — Fiquei pra arrumar as minhas coisas, entende? Tirar tudo do armário. Por isso que eu não faço questão do terno, entende por quê?

VARREDOR — Te endenizaram?

VITOR — Eu achei que tinha de acertar as contas com o Banco segundo os meus métodos. O Banco faz lá as contas dêle, tá certo, é um direito meu, não é justo?

VARREDOR **(que não consegue mais esconder o jôgo)** — E você tá com a grana?

VITOR **(desconversando)** — Bem, isso é outra coisa.

VARREDOR — Outra coisa o que?

VITOR — Senta aí. Já não ficou combinado que você não vai trabalhar hoje? Então pra que essa pressa?

VARREDOR — O problema é que eu tenho pelo menos que aparecer lá pro chefe, pôrra!

VITOR — Sem essa de chefe, senta aí.

VARREDOR — Escuta aqui, vamos conversar direito. Você não tá pensando em me embrulhar agora... Não vai me dizer que eu fiquei êsse tempo todo aqui de alegre.

VITOR **(simpático)** — Você é muito afobado companheiro.

VARREDOR — Pôrra, você tá me achando com cara de fanchona, pôrra?

VITOR — Eu?! Eu não falei nada.

VARREDOR — Você me faz perder todo êsse tempo pra vir agora com essa história que tá desempregado e sem dinheiro?! Caramba! Eu não tenho nada com isso, eu tenho meu serviço aí, tenho que levar o meu no fim

CONFIDENCIAL

do mês, não vai me dizer que você tá querendo me fazer de bêsta!

VITOR — Atho que você tá passando o carro na frente dos bois. Eu não falei nada.

VARREDOR — O problema é o seguinte: você aí tá me devendo oitenta mangos. Das coisas eu não faço questão, taí, mas a grana vai ter de sair.

VITOR — Eu sei, claro que eu sei. Se não eu não tava mandando você ficar sossegado.

VARREDOR — Ficar sossegado, caramba, trancado aqui dentro, com o chefe aí em cima! Tinha graça.

VITOR — Eu tenho só que acabar de arrumar as coisas e quero uma companhia pra ficar comigo até a última hora. Só isso. Te pago mais vinte, tá? Daí fica arredondado pra cem.

VARREDOR — Não, sem essa! Muita esmola o santo já desconfia...

VITOR — Não quer?

VARREDOR — Desde a hora que eu cheguei que você tá aí, plantado, falando, falando, enchendo o saco.

VITOR — Ah! Enchendo o saco, é?

VARREDOR — É. Chega de papo agora. Agora o que me interessa é a grana.

VITOR — Eu posso te fazer uma pergunta antes? (pausa. O Varredor faz uma última concessão, irritado) Posso?

VARREDOR — Vai, faz.

VITOR — Você gostou de mim? (pausa) Sabe, é uma coisa grotesca até... É que nunca fiz essa pergunta prá ninguém e nunca ninguém me declarou nada. Se não declaram é porque a gente tem de perguntar, é ou não é?

VARREDOR — Eu não sei o que você viu comigo, caramba!

VITOR — No fundo, no fundo, eu sinto até uma espécie de orgasmo, quando eu lembro que estou sòzinho, sem referência em nenhum lugar. Minha família não existe mais, minha infância não existe mais, e meus companheiros, nem um existe mais. É terrivelmente confortável. Só que eu queria ter certeza, por uma espécie de orgulho, que existe uma pessoa que eu consegui assaltar, no interior, tira-a tôda pra fora pra ver se é melhor ou pior que realmente. Claro, você deve ter horror de mim. (pausa) Acertei?

VARREDOR — Não chatela.

VITOR — Desculpa.

VARREDOR — Eu tou é pensando no que que eu vou levar nisso.

VITOR — Dinheiro é fácil, meu velho. Nós estamos em cima do tutu, nadando no meio do tutu, estamos ou não estamos?

((O Varredor está cada vez mais aflito).

VITOR — Você e eu, nós dois estamos nada mais nada menos que em cima de todos os códigos aí dêles, de tôdas as regras sociais, estamos pisando a cultura dêles, as escolas dêles, a fonte do pudor dêles, enquanto eles numa hora dessas fazem a festa aí fora, tranqüilamente. É ou não é? E se êles podem fazer a festa dêles, grupie é que nós dois vamos perder a oportunidade de fazer a nossa? Não é mesmo?

VARREDOR — Você vai continuar com êsse papo até quando?

VITOR (ausente) — Eu fico pensando... Aparentemente é de uma simplicidade assustadora. Mas imagina um homem como você, simples e submisso como é você, ou um covarde, como eu, conversador ranheta como eu, que tivesse resolvido viver simplesmente e que para isso, simplesmente, ingênuamente, seguindo a lei naturalmente das coisas, botasse a mão, encostasse o dedo num cofre dêsses. É como se você estivesse puxando o gatilho de um exército inteiro contra a tua própria cabeça.

VARREDOR (irritadíssimo) — Sei, eu sei, mas o problema é o seguinte, ô garotão: eu estou agora é esperando o tutu, entende? A grana, compreendeu? A grana pôrra!

VITOR (subitamente irritado) — Taí, você conseguiu me irritar. Quer saber de uma coisa? Vai embora, vai!

(Vitor começa a arrastar o Varredor displicentemente).

VITOR — E essa tua mania de falar "pôrra, pôrra" o tempo inteiro falando "pôrra", não há quem aguente! Ih!, vai, vai embora! Vai embora que eu não quero te ver na minha frente nem pintado de ouro mais!

VARREDOR (se desvencilhando) — Calma lá, eu vou embora sim, mas antes vamos ter que acertar as contas. Não pensa que você livra a tua barra fácil assim não!

VITOR — Eu te comprei com as minhas condições, foi ou não foi? Te comprei pra fazer de você o que me desse na cuca. Você aceitou o jôgo aceitou ou não aceitou? Então o que você tá reclamando? Quer ir embora? Pois vai! Te prender é que eu não vou, inclusive nem tenho resistência mais, é muito trabalhoso.

(Vitor vai e destranca a porta).

VITOR — Pronto, a porta tá aberta. Pega a tua vassoura, o teu lixo e desaparece. **(o Varredor permanece imóvel)** Ah! não quer pegar as tuas coisas, é? Pois tá. **(pega os objetos do Varredor e atira tudo pra fora)** Se quiser, volta lá pra tua turma, vai limpar as tuas privadas, as tuas salas, o que você quiser!

BIBLIOTECA - DIVISÃO DE CENSURA - D.P.F.

Quem dá as cartas aqui hoje sou eu! (pausa. O Varredor está imóvel) Eu te mandei embora, o que você tá fazendo ainda aqui na minha frente? (pausa) Vai embora. Eu te dispensei. Você tá completamente livre... (pausa)

VARREDOR (calmo mas com ódio) — Quer dizer então que vai ficar assim?

VITOR — É. E se quiser pode subir e contar pros teus colegas. Diz que encontrou um louco de pedra aqui dentro, da pesada, explorador, alucinado, horrível, um coisa abjeta! Depois desce lá na portaria e explica timtim por tim-tim pros guardas teus amigos. Conta prá êles que tem um assaltante aqui em cima, disposto a levar uma bala na cabeça. Não faço a menor questão. Hoje o desprêzo e a violência são a única moeda forte, a única moeda válida, onde eu arrisco tudo!

VARREDOR (com ódio) — Não é a primeira vez que um tipo como você me passa pra trás.

VITOR — Que ótimo!

VARREDOR — Um advogado aí do doze já me fêz uma dessa. Não sei nem como entrei na tua.

VITOR — Pois é: escola é que não te faltou.

VARREDOR — Esse papo nunca levou ninguém prá frente.

VITOR — Claro! Hoje em dia as pessoas são tôdas muito vividas.

VARREDOR — Só que dessa vez não fica assim. Eu não levo o meu dinheiro, tá certo. Mas te acerto de um jeito ou de outro.

VITOR — É um direito que te assiste... (pausa)

VARREDOR (gritando) — Quem você tá pensando que é?! (pausa) Você me obriga a parar o serviço, me chama de fedorento, me faz ficar ouvindo a tua lenga-lenga, e ainda por cima pensa que vai me dar ordem?

VITOR — Claro, você é o Varredor do Banco, esqueceu? Eu sou um bancário. Não é o correto?

VARREDOR — Você é um viado muito sujo!

VITOR — O que que você falou?

VARREDOR — Eu não preciso do teu dinheiro, tá bom?

VITOR — Tou te desconhecendo...

VARREDOR — Nem pensa que a tua gravata encobada me mete mêdo. Não gostei do tipo logo de cara. Você tem um jeito de frêsco que não me entra. Escutei tudo que você quis falar, você falou o que quis e o que não quis, e eu fiquei aqui. Sem dar um pio. Pois é. Quero te mostrar com quem você tá lidando!.

(O Varredor corre para fechar a porta. Vitor tenta impedir. O Varredor empurra-o violentamente contra o chão, segurando-o pela garganta).

(Violência simulada. O Varredor chuta Vitor, que responde com gemidos, no chão).

VARREDOR (entonação deliberadamente teatral, de frente para a platéia) — Quem pode eu pra levantar a minha mão contra você?

Como teu resto, faço teu jôgo do jeito que êle vem, carrego com minhas costas a fôrça que você não sabe fazer e o teu cheiro fedido que você não pode mostrar prá ninguém porque você é honesto, é limpo, é educado, é estudado dentro de tua roupa limpa;

do teu sapato engraxado
dentro de tua semana garantida de sete dias garantidos
enquanto eu estou aí apodrecendo debaixo dos teus sete dias prá pagar o preço; da tua honestidade.
apodrecendo debaixo da tua religião enfastiada de bar
debaixo do teu Jesus Cristo enfastiado
sem cheiro de privada e sem escarro na cara.

Agora pára de bater no peito porque eu falo um língua diferente da tua.

Vocês já me separaram faz muito tempo.
E se a tua lei me botou sujo
E me botou fedido
pede contas prá ela e não prá mim
que estou engolindo por vocês todos
e todo dia
a merda tôda do mundo que vocês puseram na frente do meu nariz, para continuarem limpos,
e pra continuarem honestos.

Pega qualquer um dos teus amigos aí com cheiro do livro
com cheiro de restaurante
com cheiro de teatro;

Encosta um dêles na parêde e obriga a te responder às custas do quem o às custas do que êle continua limpo.

Chama êle de covardo, de filho da puta, de frouxo.

Sabo o que êle te responde?

NÃO TE RESPONDE NADA!

Qualquer mendigo da rua vomita em cima da tua roupa limpa!

(O Varredor começa a juntar suas coisas que foram jogadas lá fora. Está decidido agora a arrumar a sala de um jeito ou de outro).

VITOR (No chão, com a mão na gargan-

CORTE

ta) — Filho da mãe! Nem perguntou o meu nome. Nem quis saber como é que eu chamo!

(a ação passa ao realismo anterior)

VARREDOR (de volta, contundente) — Com você ou sem você eu vou arrumar a sala agora, nêsse minuto!

VITOR — De jeito nenhum!

VARREDOR — É fácil. Eu dou o sinal de alarme e chamo a vigilância.

(o Varredor caminha para o alarme e aguarda, com a mão suspensa)

VITOR — Pior pra você.

VARREDOR — Eu explico que não querem me deixar trabalhar. Os caras te botam pra fora na marra! É muito simples!

VITOR — Pois chama.

(o Varredor desiste)

VITOR — Não vai chamar os teus amigos?

VARREDOR — Essa sala vai ter de ficar arrumada de qualquer jeito!

VITOR — Essa noite não. Ainda falta fazer um exorcismo. Se não nunca mais vou conseguir dormir, com o espírito do SEU MAIA me possuindo por dentro. (pausa)

(Vitor faz um sinal com os dedos, ao iluminador do teatro e acendem-se as luzes da platéia)

VARREDOR — Perdi meu tempo em te levar a sério, agora é que eu vi: você não regula.

VITOR (sentando o Varredor na cadeira e se afastando do palco) — O que você pensa não me interessa mais. Eu já te desmascarei. Pode ter certeza que nunca mais na vida eu vou te seguir! Nêsse minuto você já morreu pra mim. (pausa) Eu tentei devorar você por dentro, mas a verdade é que você não é tão rico como eu pensava. O fascínio que você tinha era meu mesmo. Tudo o que eu pensei que tinha de mágico em você, quando eu te seguia, e te via de fora, era uma criação minha. Você não passa de um lixeiro, vulgar e insuportável como tem de ser um lixeiro.

VARREDOR — E o que você me deve?

VITOR — Tanto que nêsse minuto, já, eu vou te pagar o dinheiro que liquidou essa ilusão. Tá aqui. (retira da carteira todo o dinheiro que tem) Pode contar. (o Varredor não pega) Ah! Não quer contar? Então fica aí. (joga nota por nota no chão) Quanto às coisas que eu te dei, pode levar tudo ou então joga fora. (apalpa o macacão do Varredor) O teu amor não me interessa mais. Quando eu precisei dêle, pra expulsar os meus demônios, você não estava aqui. Agora eu estou sózinho e você não significa mais nada. Eu nem te amo, nem te odeio. Nós dois estamos simplesmente separados, sem mais nada em comum. Não vai pegar o teu dinheiro?

(pausa. O Varredor aguarda ainda um pouco, depois se abaixa, humilhantemente, e começa a catar dinheiro. Vitor sai pela platéia).

VITOR — Eu te ensino o que você faz com essa soma. Você tem que aprender tudo nova vida esbanjando. A decadência exige você o máximo de gestos inúteis e o mínimo de conteúdo. Você tem que ser, em tudo o que você faz e vive, em grande barulho óco!

Você pega êsse dinheiro, vai sentar num restaurante aí, no mais bêbado que você encontrar, vai pedir pro garçon o prato que você quiser, vai deixar gorgeta, no final vai sujar a mesa com os restos do teu cigarro, vai fazer bolinhas com miolo de pão, vai bocejar como um porco, vai encher a cara da melhor maneira possível e depois vai se jogar na rua, na frente do primeiro táxi que te aparecer. (pausa)

É o preço exato de um jantar.

Confere?

VARREDOR (com o dinheiro contado na mão) — Tá certo.

VITOR — Contadinho?

VARREDOR — Conferido.

VITOR — Nem mais nem menos?

VARREDOR — Conferido, porra! (pausa)

VITOR — Então agora eu liquido com a tua vida. Te pago tudo o que estão te devendo.

(O Varredor que guardou o dinheiro no bôlso, está um pouco surprêso)

VARREDOR — Ninguém me deve mais nada.

VITOR — Claro que estão te devendo. Eu, na minha posição de inquisidor, digo e sustento que estão te devendo. Não foi com oito anos que você começou a trabalhar?

VARREDOR — Problema meu.

VITOR — Com oito anos, eu sei. Não adianta você esconder. Você vendia dôce na rua. (o Varredor fica mais surprêso ainda).

VITOR — Claro que vendeu. E o mêdo que você tinha da fome? Você aprendeu a ter pavor da fome com oito anos: quando você via a tua família, a tua mãe, o teu pai, tuas irmãs, à beira da miséria. Daí você vendia. Vendia paca! Vendia o máximo que podia! (Vitor começa a retirar pacotes de dinheiro da gaveta) Você comia arroz magro e feijão magro. Neca de carne. Você adorava carne, mas não podia comer carne. Pois aqui está a carne, sorvete, chocolate, brinquedo, Natal escola, livros e tempo para estudar! É êsse que é o teu dinheiro!

VARREDOR (apavorado) — Você ficou louco, eu nunca vendi dôce na rua.

VITOR — Claro que vendeu! Você e a tua irmã mais velha, vocês dois, cada um com

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. F.
CORTE

uma cesta no braço, indo de rua em rua, de festa em festa, de casa em casa, vendendo dôces.

VARREDOR — Não tenho irmã.

VITOR (apontando o dedo na cara do Varredor) — Não adianta me mentir! Eu sei de sua vida, tim-tim por tim-tim, minuto por minuto, eu posso entender o que significam êsses anos de guerra, um assalto atrás do outro, uma bomba atrás da outra, uma porrada atrás da outra, até chegar aqui, debaixo dessa luz branca aqui, fechado dentro dessas paredes aqui, com a tua mãe lá fora, te pedindo de joelhos que você não abandone o Banco, de jeito nenhum abandone o Banco!

VARREDOR — Eu não tenho irmã.

VITOR — Claro que tem irmã! Duas irmãs. Mas isso não faz diferença mais nenhuma.

VARREDOR (tentando recuar para a porta) — Pára com isso, pôrra! Eu sou casado!

VITOR (Levantando um dinheiro até a cara do Varredor) — Você não tem cuilões? Nem pra receber o que é teu e que estão-te devendo?

VARREDOR — Olha, se aparece alguém aqui e encontra isso, vão pensar que vou junto nessa jogada!

(pausa. Vitor se diverte sòzinho com o mêdo do Varredor)

VITOR (tranqüilamente) — Sabe... êsses armários aí estão todos cheios de dinheiro. As gavetas das mesas... tem dinheiro em tudo quanto é canto. Fiz uma festa pros funcionários do Banco por conta do próprio Banco... Amanhã êles chegam aqui e encontram o pagamento extra dêles... (voltando-se para o Varredor com ódio) Agora eu estou te pagando prá você o que é teu e você vai ter que confiar nas contas que eu fiz!

VARREDOR (implorando) — Vamos conversar direito... direito... Escuta, ô meu, vamos de vagar... eu sou casado!

(Vitor prontamente retira mais pacotes de dinheiro, que passa ao Varredor)

VITOR — Pelos teus filhos, e mais pela vampira da tua mulher que levanta todo dia às quatro da manhã, pra arrumar o lixo dos outros, pra ouvir os gritos dos outros, e pra comer também os restos dos outros, e mais pela escola dos teus filhos, pela comida e pela roupa dêles.

Pronto! O teu casamento tá pago!

Não me fala nunca mais que você é casado!

(O Varredor está muito nervoso, coça o corpo nervosamente)

VARREDOR (implorando — Escuta... Eu nunca roubei nada... Foi você quem começou o papo... não vai depois me botar nisso. Eu sou um homem direito.

VITOR — Quem é que tá roubando o dinheiro de quem? (pausa) Hein?

VARREDOR — Êsse tipo de coisa sempre acaba mal! Vai por mim.

VITOR — Estou simplesmente pagando para mim mesmo através de você. Você não tá me fazendo nenhum favor! (continuando a retirar nervosamente pacotes de dinheiro) Estou te pagando a tua juventude que te roubaram, não é muito.

Estou te pagando a tua hora sentada, mais cada no despertador, estou fuçando numa peçaço de máquina pra obrigar a parar, tá me entendendo?!

Junta tudo e se arranca! Eu aceito morrer por você e você vive por mim.

Ninguém vai me pagar pra mim o meu preço exato. O que me roubaram, não vai ter ninguém, Banco nenhum, que me pague mais... (para o Varredor) Não vai pegar?!

VARREDOR — Êsse dinheiro não.

VITOR — Êsse dinheiro sim! Por que não?

VARREDOR — Te amassam num minuto!

VITOR — O Banco é uma mentira! Ninguém mais tem mêdo do Banco! Eu, o número 5.923.800, levantei a minha mão contra o Banco e estou vivo! (O Varredor, apavorado recua para a porta) Onde você pensa que vai?

VARREDOR — Vou dizer que você ficou louco...

VITOR (empurrando o dinheiro ao Varredor) — Vai pegar o teu dinheiro ou não vai?

VARREDOR — Êles vão ver de cara que você não regula...

VITOR (empurrando o dinheiro da mesa para o chão, furioso, depois empurrando as gavetas com os pés) — Pensando bem pensando bem, todo êsse dinheiro que está aqui não vai dar nem pro teu caso particular. Nem pro teu insignificante caso particular. Somando a tua vida minuto por minuto, somando tudo, a gente ia ter que assaltar a tesouraria inteira...

VARREDOR — E, a tesouraria inteira.

VITOR — As barras de ouro que estão lá em baixo.

VARREDOR — As barras de ouro do Banco!

VITOR — O Banco inteiro!

VARREDOR (ávido) — Caixa por caixa, cofre por cofre!

VITOR — E pensando bem, pensando bem, o que é que você vale? Que valor que você tem?

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Você não tem importância nenhuma! Você
o vai trazer nada de nôvo, seu, pra mim,
m vai aparecer com um Messias tirado de
ás da porta. Substancialmente você não vai
odificar nada do que está acabado, consu-
ado e imodificável!

(Vitor começa a juntar de nôvo o dinheiro
Banco em cima da mesa) Quer saber uma
oisa? Resolvi que nem os meus míseros olten-
mil, que eu te dei da minha própria car-
ira, nem êsses você vai levar!

(O Varredor volta atrás, surprêso)

VARREDOR — Mas você... você não ti-
na acertado comigo?

VITOR — Tira tôdas as coisas e passa
ra cá!

VARREDOR — Eu só estou te pedindo
orque pra mim êsse dinheiro já é sagrado...
u já acostumei com a idéia dêle nas minhas
ontas, entende? (pausa. Se olham de frente)
ô entende? Porque, pra mim é muito mais
mportante!

(Pausa. Os dois ficam de costas, Vitor de
rente para a platéia, como, verso e reverso
m do outro)

VITOR — Estamos quites. Você e eu che-
amos na estaca zero onde você queria. Não
e devo mais nada nem você me deve mais
nada. Mas pode se lembrar duma coisa: essa
guerra continua e eu sinto um prazer enorme,
fora do comum, em desempenhar por você a
função tua que você recusou. (Vitor grita e
mais alto possível)

Agora FORA!

FORA DAQUI!

FORA! FORA DAQUI!

(Música frenética, estilo rock. O Varredor
veste o paletó, Amarra grotescamente a grava-
ta no pescoço. Corre para um canto, aterrado.
Conta o dinheiro de Vitor, conferindo! Depois
decide e toca a campainha do alarme. Depois
foge pela platéia, gritando sôbre os espectado-
res no interior do teatro pedindo socorro)

VARREDOR — ASSALTO! ASSALTO!

ESTÃO ASSALTANDO O BANCO!

ASSALTO! ASSALTO!

É UM ASSALTO!

(No palco Vitor prossegue o ritual, des-
pindo-se, chicoteando as paredes do Banco
com o cinto da calça, no estado máximo de
sua loucura Música crescendo sempre. Uma
sirene começa a tocar, vinda do lado de fora
do teatro, por onde saiu o Varredor. Efeito
de metralhas, luz e som especiais, ruídos, e
finalmente a queda, metade do corpo nu fora
do palco. Blackout. Luz sôbre Vitor, funcioná-
rio n.º 5 923 800).

— FIM —

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS